

## Juventude e o maio de 1968\*

Leonardo Venicius Parreira Proto\*\*

**Resumo:** O artigo é resultado de parte da pesquisa realizada em curso de especialização e apresenta como temática a participação dos/as jovens no acontecimento histórico do Maio de 68, importante evento de contestação e reafirmação das lutas anticapitalistas, do qual a França seria um dos pivôs de movimentos juvenis em partes do mundo. Uma das problematizações abordadas é a perspectiva do movimento do Maio de 68 em sua condição de estabelecer uma revolta cujos interesses estão centrados no poder social, negando estereótipos advindos de leituras feitas a partir da contracultura, de percepção do movimento como algo somente cultural ou negação dos valores da sociedade tradicional, patriarcal e sexista na história do ocidente. A perspectiva de revolta como poder social no Maio de 68 reinaugura dentro da tradição marxista as formas autogestionárias de organização da classe trabalhadora e da expressão de totalidade a qual esse movimento estava situado historicamente.

**Palavras: chave:** juventude, maio de 68 e autogestão social. **Abstract:** The article is part of the result of ongoing research specialization as a theme and features the participation of / in the young history of the event May 68, important event of contestation and confirmation of anti-capitalist struggles, in which France would be one of the pivots youth movements in the world. One of problematizations addressed is the prospect of movement in his May 68 provided that a revolt whose interests are focused on social power, negating stereotypes arising from readings taken from the counterculture, the perception of movement as something only cultural or denial of values of traditional society, patriarchal and sexist in the history of the West. The prospect of revolt and social power in May 68 reopened within the Marxist tradition the self-managed forms of working class organization and expression of all this movement which was situated historically.

**Key words:** youth, May 68 and social ownership.

---

\* Esse artigo é parte da monografia produzida para o curso de especialização em adolescência e juventude no mundo contemporâneo, orientada pelo prof. Dr. Nildo Viana (UFG).



\*\* **LEONARDO VENICIUS PARREIRA PROTO** é mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da CAPES. Professor em regime de contrato especial da Universidade Estadual de Goiás. Atualmente exerce a função de coordenador do curso de História da UEG/UnU-Iporá.



Uma das representações da revolta do Maio de 68, sobretudo relacionado à juventude, diz respeito apenas à sua caracterização fenomenológica, de uma manifestação de jovens contra o autoritarismo e a moral social contrária às liberdades individuais<sup>1</sup>. Essa referência explicita um simplismo na abordagem política e cultura ao movimento, dificultando encontrar as reais e radicais razões da subversão do estudantado francês naquele período.

Revolta social como práxis revolucionária assentada também na reflexão sobre a sociedade do espetáculo, um dos conceitos analíticos do Maio de 68 mais precisos da atualização do marxismo como teoria da classe proletária. Sua análise produzida por Guy Debord em 1967 antecipava o

<sup>1</sup> Essa é uma dos discursos produzidos pelos teóricos da pós-modernidade, insistindo no caráter ontológico dos indivíduos e autonomizando suas práticas em relação ao todo social, como faz a análise foucaultiana sobre os micro-poderes (HARVEY, ANGELFIRE, 2009). Essa mesma compreensão tem Alain Touraine, em recente entrevista para a revista do Instituto Hunanitas Unisinos, de março de 2008, ao afirmar categoricamente o Maio de 68 como apenas um movimento cultural, sem ser político e social.

movimento insurrecional dos/as estudantes e trabalhadores/a do Maio de 68 e generalização das lutas na Europa, como ocorreu na França nesse final da década de 60.

Seu escrito feito em teses é um autêntico desdobramento do aprofundamento do materialismo histórico. Segundo suas teses sobre a mercadoria como espetáculo, indicam um grau elevado de afastamento do ser humano em relação a si aos outros/as e a tudo produzido pelos/as mesmas em esfera social (DEBORD, tese 37, 2007).

E a noção de espetáculo e sua relação com a idéia/produção da mercadoria, como pode ser mais bem apreendida nesse estudo? Para Débord, “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo” (2007, tese 42, p. 30).

Essa é a exata proporção de recepção do sistema por parte dos indivíduos no início da segunda metade do século XX. Introjção dos mecanismos do espetacular feito mercadoria por seus produtores diretos, o proletariado. Sua capacidade de reação fez-se movimento de revolta dado o grau de consciência crítica formulada pela negação dos valores burgueses, e de seu *modus operandi* de opressão.

Outro sociólogo presente no momento de sublevação da juventude do Maio de 68 é Alain Touraine. Para este,

“El movimiento de Mayo es uno de los primeros conflictos de clases que hayan estallado em las sociedades capitalistas avanzadas. Junto com los grandes movimientos, más dramáticos, de los países socialistas, pone de manifiesto el nacimiento de um

nuevo período de la historia social de las sociedades industriales” (TOURAINÉ, 1970, p. 53).

Na última nota de rodapé, particularmente em sua segunda parte, Touraine (2008) visualiza o Maio de 68 como amplamente “rico” da experiência de busca pelas liberdades individuais reduzidas na direção da chamada contracultura, muito em voga na década de 60, mas sem qualquer pretensão em criticar os problemas enraizados pela dinâmica do capitalismo internacional.

Posição encontrada também na década de 70 ao discutir o Maio de 68 em livro. Para Touraine (1970; 2008), o movimento instaurado pelos/as estudantes não estava preocupado em tomar o poder político e sim destruí-lo, e tudo que o mesmo representaria de ocupar representações e postos de administração nas organizações institucionais; posição reafirmada em sua entrevista para o Instituto Humanitas Unisinos (em março de 2008) discutindo os 40 anos pós 68.

A dissociação entre poder social/político e cultural está marcada pelas debilidades do debate teórico acerca do referencial da luta de classes e como esta não pode negar a totalidade das relações sociais e o produto dessas configurações da sociedade de classes.

No interior da universidade francesa, em *Naterre*, surgem às insatisfações com o processo vivido para o enquadramento da produção do conhecimento nos moldes industriais. Esse poder do Estado capitalista em organizar o pensamento positivista e liberal dentro da universidade foi o “barril de pólvora” para os/as estudantes franceses perceberem que não haveria outra possibilidade para a transformação da sociedade sem engajamento e cooperação com outros grupos sociais explorados e alienados.

A crítica ao Estado capitalista é salientada no discurso do poder social de um movimento da juventude estudantil e dos/as trabalhadores/as das fábricas, ambos ameaçados pelo discurso preponderante oficial, o discurso da assimilação, integração e cooptação do sistema. O elemento radicalizador das lutas sociais faz-se mediante a radicalização do discurso do contra-poder ou poder social no horizonte da contestação.

“Assim, o discurso é não só limitado por quem detém o poder, mas ele é reproduzido do poder e uma de suas formas de manifestação. No entanto, não é todo o discurso, mas sim o discurso de quem detém o poder. O discurso dos explorados e oprimidos pode e muitas vezes é um discurso emancipador, quando ele rompe com a censura do discurso dominante ele se transforma, num meio de libertação. Por conseguinte, é preciso saber qual o discurso e de quem é o discurso para saber de suas tendências, reproduzidas do poder ou questionadoras dele. O discurso de Marx sobre a Comuna de Paris, por exemplo, é emancipador, libertário. Por isso, o discurso pode tanto ser um reproduzido do poder como ser crítico do poder, bem como ser manifestação do poder ou manifestação da luta contra o poder” (VIANA, 2005, p. 26).

Discursos contra o poder do Estado, de suas táticas belicistas e hostis, eram construídos na tentativa de superação do procedimento de dominação do imperialismo em vigor. Cenário de intensificação de falas e idéias, portanto, de discursos, elaborados, por exemplo, pelos situacionistas, grupo ao qual Débord se filiava.

“Os situacionistas organizavam-se desde 1958 em torno da revista

*Internacional Situacionista* coordenada por Guy Debord. A revista não tinha uma periodicidade regular pelas dificuldades financeiras do grupo (...). Os doze números da revista constituem-se hoje como um dos maiores documentos da cultura política dissidente dos anos sessenta, com o situacionismo encontramos uma das mais expressivas manifestações políticas do marxismo conselhisto do século XX (...) E como proposição política de práticas superadoras de tais realidades, Debord defenderá no livro em questão a marca institucional e a agenda política do Maio de 1968: o autonomismo dos Conselhos Operários” (PINTO, 2008).

De acordo com Matos (1981) a *Internacional Situacionista* se fará presente nos acontecimentos do levante estudantil de 68, atentos ao cotidiano, a proposição autogestionária e a expressões artísticas como o surrealismo, entendido como cultura revolucionária.

Marcuse (2006) contribui com uma discussão filosófica do caráter afirmativo da cultura, numa crítica à universalização da idéia de liberdade e de humanitarismo. Para este autor, a cultura afirmativa integra as pessoas ao sistema, auxiliando sua perpetuação tendo como mecanismo ideológico a aparente felicidade, sentida pelos indivíduos em sua razão subjetiva<sup>2</sup> e bastante efêmera (MAAR, 2006).

“Para ser afirmativa, a cultura precisa operar no âmbito da referência material-sensível. A contribuição de Marcuse expõe

<sup>2</sup> Esse é um termo conceitual recorrente na teoria elaborada por Max Horkheimer (2007) para explicitar sua tese relacionada ao eclipse da razão, entendendo o conceito, como processo de subjetivação do pensamento ocidental, inclusive, o formalizando.

assim, em sua análise do caráter afirmativo da cultura, os alicerces ainda ocultos da manipulação de massas: as bases no plano material-sensível em que se sustentam, enquanto satisfação aparente e transitória, os mecanismos de obstrução dos potenciais emancipatórios que poderiam resultar da anulação direta das aspirações e dos objetivos quando estes são subordinados ao império direto de uma universalidade social” (MAAR, 2006, p. 27-28).

Ainda na correspondência entre cultura e sociedade, a afirmação da cultura está para além de uma noção metafísica, mas constituinte das bases materiais enquanto pressuposto para realização da felicidade humana, ou mesmo, uma aparência na satisfação do mundo. Esse mundo é todo relacional com a mercadoria, seu conteúdo e f(ô)rma (MARCUSE, 2006).

Nessa percepção da mercadoria como epicentro das relações sociais no capitalismo contemporâneo, no contexto histórico-social da revolta dos/as jovens do Maio de 68, há uma respectiva concordância entre Debord (2007) e Marcuse (2006). Ambos analisam, em uma síntese, a sociedade capitalista européia, norte-americana e sua hegemonização em torno do capital no mundo como um espetáculo da afirmação da cultura, em que a agente mercadoria reproduz-se pelo aparente, pela satisfação do fetiche e pela coisificação das relações sociais em qualquer canto do planeta.

A ótica marcuseana parece ainda oferecer subsídios teóricos fundamentais para analisar processos revolucionários, ao passo de vivenciar um momento histórico como o Maio de 68. Para ele,

“a revolução envolve uma transformação radical das próprias



necessidades e aspirações, tanto culturais como materiais; da consciência e da sensibilidade; do processo de trabalho e do lazer (...). A liberdade é entendida com raízes na satisfação dessas necessidades, que são simultaneamente sensoriais, éticas e racionais” (MARCUSE, 1973, p. 25).

Vemos uma perspectiva de revolução em Marcuse (1973) de superação das compreensões limitadoras das análises pós-modernas daqueles/as que vêm na revolta social do Maio de 68 apenas um protesto contra as ditas liberdades subjetivas dos indivíduos, categorizando os/as jovens franceses e europeus como apenas uma geração (a de 68), obstaculizando em suas reflexões o caráter político do mesmo movimento, aliás, para alguns debates do pós-68, o aspecto político é totalmente deslegitimado.

Discussões sobre o poder no Maio de 68 ficam à deriva apenas das análises do subjetivismo e psiquismo. Em hipótese alguma, nos defensores de uma pós-modernidade, de um dito discurso pós-estruturalista, vêm o movimento dos/as estudantes como um poder social constituído como possibilidade concreta de perceber novas práticas societárias, como a autogestão social.

Porém, agarra-se a fundamentações discursivas justificadoras do fracasso do ideário de modernidade e de instauração de novas identidades, novamente, situando o indivíduo no interior de si mesmo, ou como já expusemos com Horkheimer (2007), defensor de uma razão meramente subjetiva (MILOVIC, 2008, p. 06).

Sendo esta uma leitura derrotista e conservadora da totalidade social envolta no Maio de 68, de visualizar o indivíduo autônomo de si próprio, com o ideário subjetivista, ainda pensamos

na contribuição de Herbert Marcuse, não só por ter vivenciado às lutas sociais da década de 60, mas por prover de um debate a partir da produção dos/as jovens em suas particularidades, contribuindo com elementos de totalidade sem restringir às partes a atomização de seus indivíduos.

A relação objetividade-subjetividade em Marcuse decorrente da luta de classe no Maio francês é encarada como a “grande recusa”, enxergando nas contradições da formação sócio-histórica do capital também presente na práxis do cotidiano. Vai empreender o conceito de “nova sensibilidade” para o enfrentamento de novas condutas e práticas sociais, como pressupostos revolucionários (MAAR, 2009).

Por esse conteúdo, “nova sensibilidade” é a negação do isolamento da parte em relação dialética com a totalidade social, mas atualização do materialismo histórico em sintonia com os referenciais psicanalíticos, base do que é denominado de freudo-marxismo<sup>3</sup>.

Isso significa uma relação dialética entre liberdade individual e coletiva, pois não é possível libertação total nessa sociedade da segmentação e divisão social do trabalho, utilizando inclusive a arte, o belo e lúdico como referenciais importante no combate ao atomismo dos sujeitos, pois só há criação do trabalho artístico, autêntico, com a emancipação libertária da humanidade<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Para um aprofundamento da noção de freudo-marxismo ver análise crítica das duas concepções no ensaio (VIANA, 2008).

<sup>4</sup> O pensamento marcuseano esboça não só crítica ao sistema capitalista e os seus efeitos para mobilização dos/as jovens contrários à sua reprodutibilidade, como anula toda discursividade pós-moderna do tão-somente ato perceptivo, sensorial, assimilado pela juventude daquele momento, e não só pelos/as universitários/as, num referencial apenas ontológico-fenomenológico.

## Referências

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

HARVEY, David. Passagem da modernidade às pós-modernidade. In: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/harvey1.html>. Acessado em 2009.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. 7 ed. São Paulo: Centauro, 2002.

MARCURSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. *Cultura e sociedade*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PINTO, João Alberto da Costa. *França: lutas sociais anticapitalistas no maio de 1968*. Revista eletrônica Espaço Acadêmico. Nº 85, junho, 2008. Janeiro: Zahar, 1961.

TOURAINÉ, ALAIN. *El movimiento de Mayo o el comunismo utópico*. Buenos Aires: Ediciones Signos, 1970.

VIANA, Nildo. *Universo psíquico e reprodução do capital*. In: *Psicanálise, capitalismo e cotidiano*. Goiânia: Germinal, 2008.

\_\_\_\_\_. *A consciência da História - Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

\_\_\_\_\_. *Escritos metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.

\_\_\_\_\_. *O fim do marxismo e outros ensaios*. São Paulo: Giz Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. *O que é o marxismo*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Manifesto autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

\_\_\_\_\_. *O que é o marxismo*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 2008.